

Extroversão da arqueologia: estudo de caso no Colégio Sagrado Coração de Jesus

Jonathan Pereira Posser

André Ávilla Pinto

Freddy Bager Junior

Lucas Henriques Viscardi

Resumo

É sabida a importância do ensino da arqueologia nas escolas para que, através dela, os alunos tenham o conhecimento sobre ocupações de povos pretéritos e contemporâneos. Dessa forma, é possível fazer um trabalho de ressignificação de suas identidades, ou fomentar as identidades já criadas. Bem como, assim que há a reapropriação do patrimônio arqueológico, os alunos passam a ser agentes de preservação. Tendo isso em vista, este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo de caso realizado no Colégio Sagrado Coração de Jesus, localizado no município de Rio Grande - RS. A partir do contato da professora Maria Andréia com o Laboratório de Ensino e Pesquisa de Arqueologia e Antropologia, a equipe formulou uma metodologia em que é apresentado aos alunos um pouco do que é a arqueologia, como o arqueólogo trabalha e qual seu papel social. Posteriormente, os alunos foram convidados a interagir com artefatos arqueológicos levados até o colégio. Com isso, buscamos estabelecer um diálogo entre o que é feito e exercido no curso de arqueologia da FURG e os alunos do colégio, esperando assim que estes últimos atuem como agentes multiplicadores de conhecimento.

Palavras chaves: colégio, arqueologia, extroversão.

Abstract

It is known the importance of teaching archeology in schools for through it students have the knowledge about previous occupations of ancient and contemporary peoples. Thus it is possible work within redefinition of their identities or foster identities already established. As well, in the time that there is a reapropriation of the archaeological heritage, students become agents of preservation. With this in mind, the aim of this article is to present a case study conducted at Sagrado Coração de Jesus School, situated in Rio Grande - RS. From the contact of the teacher Maria Andreia with Laboratório de Ensino e Pesquisa de Arqueologia e Antropologia, the team formulated the methodology where is present to the students an brief introduction about what is archeology, how archaeologist works and what its social role. Later, students were asked to interact with archaeological artifacts brought to the school. With this, we seek to establish a dialogue between what is done and exercised in the archaeology course of Universidade Federal do Rio Grande (FURG) and school students. Hoping that the these students will act as multipliers of knowledge.

Keywords: school, archeology, extraversion.

Introdução

“O passado deveria servir ao presente”. A frase do imperador chinês Mao exemplifica bem o trabalho do arqueólogo. Todavia, este trabalho, por muitas vezes, fica recluso no meio acadêmico, e mesmo quando há o rompimento das barreiras que existem entre academia e a comunidade em geral, o trabalho arqueológico não se apresenta de maneira acessível, graças a sua metalinguagem própria. A este contato entre essa área do conhecimento e o público geral dá-se o nome de arqueologia pública, tendo como, entre outras obrigações, a árdua tarefa de extroverter, ou divulgar (Castaño, 2006), a arqueologia. Segundo Bastos (2012), o termo extroversão arqueológica tem sido buscado com o objetivo de tornar o patrimônio arqueológico menos violento, de torná-lo mais palatável, que o conhecimento adquirido pelos arqueólogos e demais cientistas ocupados com a arqueologia seja um conhecimento que possa ser de acesso a todos aqueles que dele quiserem se apropriar.

Tendo isto em vista e com a implantação do curso de bacharelado em arqueologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul, criou-se o Programa Permanente de Arqueologia Colaborativa (PROPAC). Sob a coordenação da técnica do laboratório Vanderlise Machado Barão, o programa tem por objetivo disponibilizar o conhecimento produzido nas diferentes áreas como arqueologia, antropologia, história, museografia, etc, através da realização de exposições temáticas, vídeos, palestras, estudos interdisciplinares, construção de saberes e olhares sobre patrimônio arqueológico, etnológico, memórias e culturas. O programa é desenvolvido no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Arqueologia e Antropologia (LEPAN), contando com a colaboração dos alunos do curso de arqueologia. Têm-se como um dos objetivos atender tanto aos alunos do curso, como também as entidades que tem interesse para com a arqueologia. Para isso, estabeleceu-se uma metodologia onde os estudantes das entidades visitavam o laboratório e observavam o trabalho e os materiais (artefatos) que estavam ali expostos. Entretanto, o aumento do número de estudantes trabalhando no laboratório e a falta de espaço físico adequado tornaram a proposta de visita ao LEPAN um tanto quanto inviável. Para solucionar esse problema, propomos uma exposição itinerante, com o uso de artefatos doados ou sem referencia de sua origem para servir de material arqueológico de uso didático.

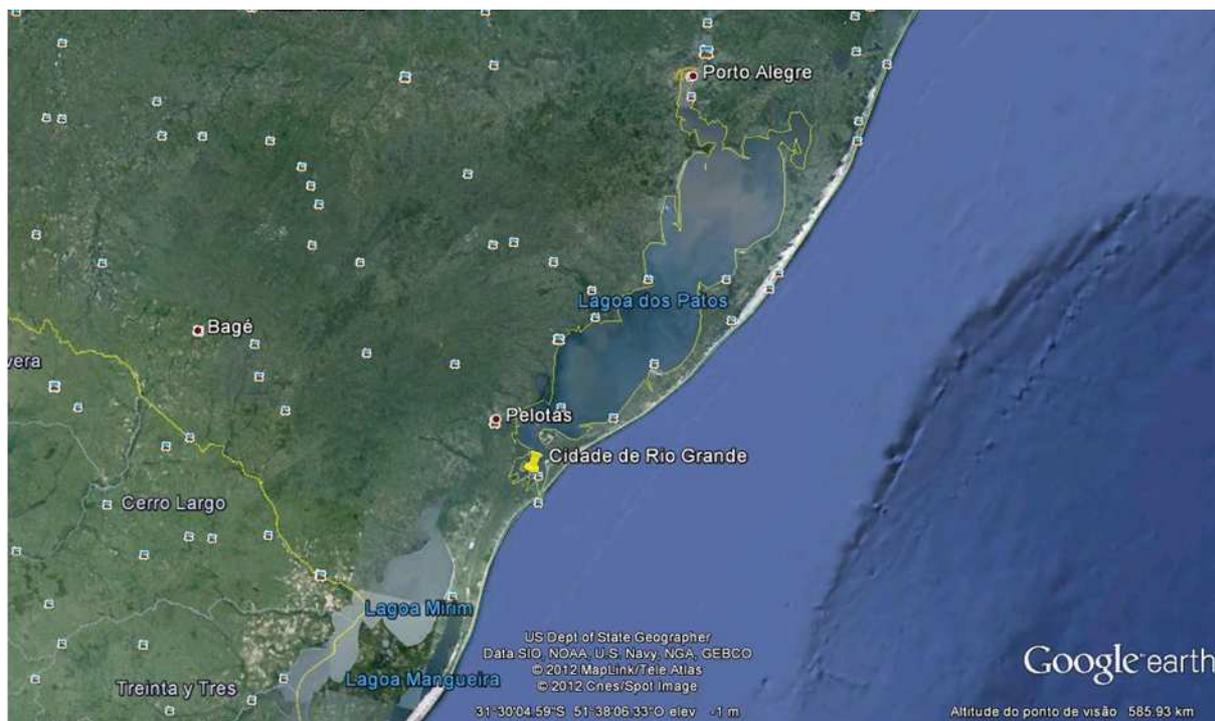


Figura 1 Localização da cidade de Rio Grande

Neste contexto, o PROPAC foi consultado, pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus, sobre a possibilidade de se fazer um trabalho com uma turma de 1º ano de ensino médio.

O colégio surgiu através do Circulo Operário Rio Grandino, uma entidade fundada em 16 de setembro de 1944, que primeiramente fundou a Creche Casa da Criança Sagrado Coração de Jesus (1956), com o intuito de abrigar os filhos de operários enquanto os pais trabalhavam. Já em 1998, o Círculo transformou a creche em Escola de Ensino Fundamental (SITE OFICIAL DO CÍRCULO OPERÁRIO, 2012), para só em 2008 se formar o Colégio Sagrado Coração de Jesus, agora com ensino médio.

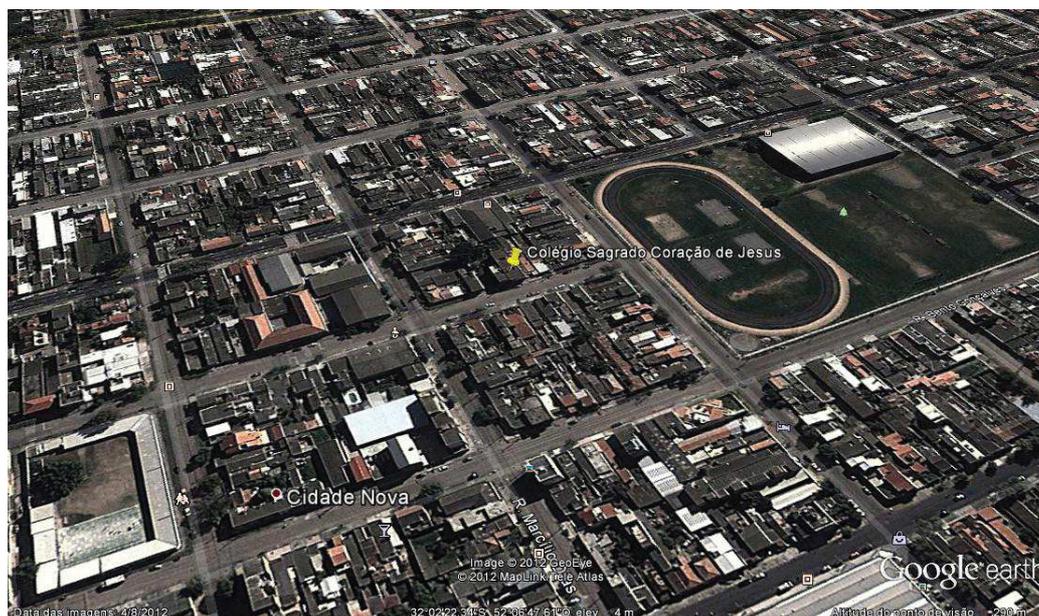


Figura 2 Localização do Colégio Sagrado Coração de Jesus

Para atender essa demanda nossa equipe foi formada, criando assim uma aula expositiva e montando uma exposição itinerante onde os alunos poderiam interagir com o material, na expectativa de que a barreira entre o material arqueológico – que normalmente fica intocável atrás de vitrinas em museus – e o público fosse quebrada.

Aula expositiva

Por ser o primeiro contato com o colégio e, conseqüentemente, com a turma, optamos por apresentarmos slides preenchidos principalmente por recursos visuais, pois, no entender da equipe, conseguiríamos transformar a aula em algo menos maçante e cansativo, bem como não nos afixarmos em textos e frases prontas e rígidas, facilitando, assim, uma melhor didática e diálogo com os alunos. Importante frisar, também, que grande parte das imagens contidas na aula expositiva apresentava os membros da equipe - ou outros alunos do curso de graduação em arqueologia da FURG – realizando as diferentes etapas dos afazeres arqueológicos em projetos executados na cidade de Rio Grande, assim como materiais provindos do laboratório de arqueologia da universidade. Raras vezes nos demos ao luxo de colocar imagens onde o trabalho era desempenhado longe do município ou região.

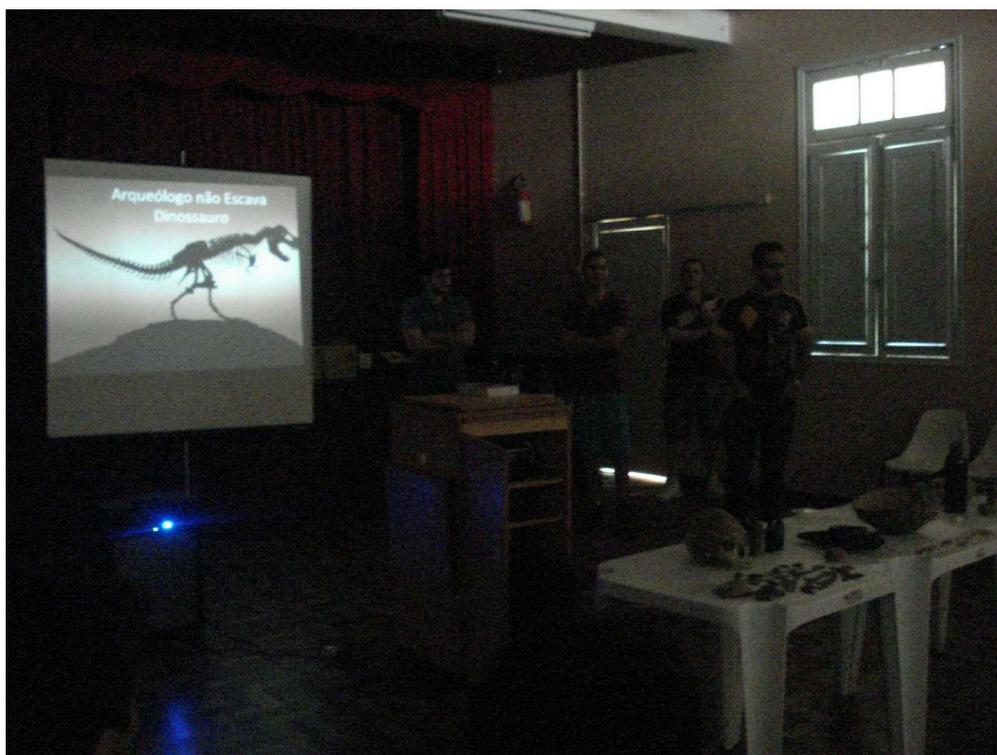


Figura 3 Início da aula expositiva

Então, começamos tentando quebrar qualquer tipo de paradigmas que os alunos poderiam vir a ter, ou seja, afirmamos que a arqueologia não estuda, escava, ou trabalha com dinossauros. Posteriormente apresentemos o que, para nós, seriam os dois arqueólogos mais conhecidos pelo grande público: Indiana Jones e Lara Croft. Entretanto, frisamos que a imagem passada pelas personagens dos filmes

e dos jogos não corresponde fielmente aos arqueólogos da vida real e que a ideia de que o arqueólogo é meramente um caçador de tesouros não é fiel à realidade. Para ilustrar um pouco o campo de trabalho da arqueologia apresentamos imagens de diversos artefatos – material ósseo, grafismo rupestre, material fito-faunístico, tecnologia cerâmica, tecnologia lítica, tecnologia vítrea, edificações arquitetônicas e até materiais submersos.



Figura 4 Exposição de alguns artefatos trabalhados pelos arqueólogos

Enfim, começamos a debater a respeito do conceito de arqueologia, sobre esta ser uma ciência que estuda a cultura material para que se chegue ao modo de vida dos homens. Todavia, apesar do nome “cultura material”, não há obrigatoriedade de o objeto de estudo ser algo tangível. Fatores como crenças, superstições e saberes também são essenciais para que o arqueólogo consiga compreender um pouco do ser humano por trás de toda essa cultura. Para que houvesse uma melhor compreensão do que trata a arqueologia, mostramos aos alunos fotografias de objetos como canetas, coroas, cocares e cartas, e propomos que eles falassem a respeito daqueles objetos. Nosso intuito com essa pequena atividade era fazer com que os alunos pensassem sobre as funções e significados dos objetos, bem como indicações de poderes econômicos e sociais, identidades e histórias.

Após a atividade, entramos no aspecto interdisciplinar da ciência arqueológica. Apesar de mostrarmos as interfaces da arqueologia com diversas ciências como a história, arquitetura, medicina, antropologia, etc., demos enfoque para a interdisciplinaridade com as ciências biológicas, pois nossa equipe era composta por arqueólogos que estudam temas envolvidos por essa disciplina, casos da zooarqueologia, antracologia e genética aplicada (posteriormente discorreremos mais sobre alguns destes assuntos).

Logo, entramos no debate sobre as diferentes etapas pelas quais o trabalho arqueológico transcorre. Princípios destacando a importância de um levantamento de fontes - sejam elas documentos históricos da região, relatos etnográficos de antropólogos, naturalistas ou viajantes, e não menos importantes, relatos orais de moradores locais - para que tenha-se uma noção previa do potencial arqueológico da localidade a ser estudada, bem como os tipos de artefatos que poderão vir a aparecer no possível sítio arqueológico. Seguindo as etapas, temos a prospecção arqueológica, que consiste em caminhadas sistemáticas com o intuito de encontrar material arqueológico em superfície, ou mudanças no relevo e/ou vegetação, o que poderia indicar uma possível presença de ações antrópicas pretéritas. Vale ressaltar que, apesar de não ser muito usual, a prospecção pode incluir atividades intrusivas utilizando-se de testemunhadores e poços-testes. Cabe ao pesquisador adotar a melhor metodologia exequível visando um menor impacto do sítio arqueológico. Posteriormente, há o que talvez seja a atividade mais conhecida da arqueologia: a escavação. Nela o arqueólogo tem por objetivo resgatar os artefatos e entender o sítio arqueológico - e conseqüentemente a cultura e modo de vida dos habitantes do local - com base nas camadas de deposição sedimentar (estratigrafia) e na distribuição dos artefatos em seus contextos. Há diversas metodologias utilizadas pelos arqueólogos, pois cada sítio tem seu contexto e a metodologia aplicada deve ser condizente com o mesmo, ou seja, deve-se usar uma metodologia onde se pode retirar o maior número de dados possíveis para o levantamento de hipótese, sem que o sítio arqueológico em si seja impactado em sua totalidade - lembramos que a própria escavação é causadora de impactos que por muitas vezes são irreversíveis. Entretanto, algumas bases podem ser definidas, pode-se escavar por níveis naturais (de acordo com os sedimentos) ou níveis artificiais (a cada 10 centímetros, por exemplo), assim como se pode escavar usando as quadrículas (área particular de escavação individual de cada arqueólogo, podendo variar de tamanho), trincheiras ou até mesmo área aberta (decapagem), onde a equipe de escavação trabalha toda a área por níveis, e não apenas em pontos delimitados como acontece com a metodologia de quadrículas e trincheiras. Não pecamos em repetir que cada sítio tem suas particularidades e, com elas, uma melhor metodologia de escavação a ser aplicada, porém, uma maneira de escavar não exclui a outra, pelo contrário, muitas metodologias se complementam e são usadas em diferentes partes do sítio arqueológico. Por fim, na etapa de laboratório, fazemos a limpeza e quantificação do material, bem como apreensão dos dados advindos dos artefatos.

Após explanar sobre o que seria a arqueologia e quais seus afazeres, discutimos sobre como se tornar um profissional da área, qual o perfil de um arqueólogo, pontos positivos e negativos da profissão, e suas áreas de atuação. Em nosso entendimento, um arqueólogo deve ter, entre outras características, pré-disposição para o trabalho em equipe, aptidão para leitura, escrita, pesquisas e investigações

científicas, e um grande interesse por questões culturais. Mostramos aos alunos as maneiras de se tornar um arqueólogo, sejam pela academia (graduação, mestrado e doutorado) ou até mesmo pelo voluntariado em projetos e/ou instituições de pesquisas. Enalteçamos que mesmo que os alunos optem por exercer outra profissão, através das pós-graduações pode-se ingressar na área da arqueologia, caso ocorra o interesse pela mesma. Frisamos tanto pontos positivos – como possibilidade de conhecer novos lugares, conhecer vários tipos de pessoas, conhecer e estudar outras culturas, etc. -, como os pontos negativos, pois a arqueologia requer muito esforço físico, paciência com os diversos tipos de personalidades que encontrará nas pessoas de sua equipe, além de não ser uma profissão regulamentada. Ainda, mostramos aos alunos as diversas áreas de atuação: academia, arqueologia de contrato (campo onde o arqueólogo trabalha com áreas que por ventura sofrerão o impacto de uma obra), serviços públicos e museus.

Para finalizar a aula expositiva, desmitificamos o boato de que a arqueologia poderia vir a prejudicar os donos de propriedades que, por ventura, podem vir a ter sítios arqueológicos. Ressaltamos a importância de saber a existência dos sítios e a presença dos materiais arqueológicos, logo, se uma pessoa tiver contato com esse tipo de material, a melhor maneira de se proceder seria não descontextualizar o artefato, ou seja, não remove-lo do seu lugar de origem (visto que a disposição do material em seu contexto é um dado utilizado pelo pesquisador) e contatar um arqueólogo para que ele possa ter ciência da existência de tal sítio.

Interface entre ciências biológicas e arqueologia

Em sua condição de pescador e coletor, o homem primitivo conheceu diferentes tipos de animais e plantas e, mais especificamente, o comportamento dos animais, assim como os períodos de frutificação das espécies animais de que se alimentava. Para analisarmos esse comportamento e o grau de relação entre homens e animais, devemos trabalhar com algumas variáveis zoológicas e arqueológicas. (GONZALES, 2009)

Quando estudamos sítios arqueológicos nos deparamos com um grande número de campos de pesquisa. Os mais conhecidos e trabalhados são os artefatos Cerâmicos e líticos, mas, juntamente com estes materiais encontrados podem estar os elementos faunísticos. Tais restos faunísticos encontrados são partes duras dos animais, como ossos, dentes e otólitos dos peixes, presentes em qualquer cronologia tanto em sítios arqueológicos pré-históricos como históricos.

Então, segundo Reitz e Wing (2001) "Zooarchaeology refers to the study of animal remains excavated from archaeological sites. The goal of zooarchaeology is to understand the relationship between humans and their environment(s), especially between humans and other animal populations".

Estes vestígios arqueofaunísticos comprovam a associação entre os homens e animais, onde o pesquisador busca na análise e identificação aspectos relacionados ao sítio arqueológico e a seus construtores. Estes estudos não se limitam a dieta do grupo, mas, também refletem aspectos importantes desta relação entre o homem e o animal e o ambiente em geral, ou seja, "Algumas perguntas que podem ser respondidas com os elementos faunísticos incluem a utilização dos animais na dieta, nas práticas de caça, na domesticação, na reconstrução ambiental, na sazonalidade..." (GONZALES, 2009).

Portanto, o estudo dos remanescentes faunísticos provenientes de sítios arqueológicos de qualquer período que incluem tanto grupos denominados caçadores\coletores, como os restos descartados pela população hoje. Então, com os estudos dos restos faunísticos, podemos inferir sobre as relações sociais de uma sociedade que geraram este registro, interpretando-os com a finalidade de seu significado social e não de forma meramente econômica.

Por outro lado, temos a genética aplicada à arqueologia: o DNA é uma abreviação de Ácido Desoxirribonucleico, um polímero composto por unidades repetidas conhecidas como nucleotídeos: Adenina, Guanina (purinas), Citosina e Timina (pirimidinas). Gregor Mendel (1822-1884) descobriu os princípios da hereditariedade trabalhando com flores e sementes de ervilhas, e foi mais tarde reconhecido como o pai de genética. Em 1953 James Watson Francis Crick iluminaram o campo da genética clássica, utilizando as radiografias feitas por Rosalind Franklin e Maurice Wilkins, descrevendo o DNA em sua estrutura molecular tridimensional. Em 1968 os trabalhos de Marshall Nirenberg e Har Gobind Khorana comprovam o dogma da biologia: o DNA é transcrito em RNA (Ácido Ribonucleico), que é traduzido em proteína. O DNA carrega todas as informações necessárias para a formação do indivíduo e esta informação é hereditária.

Em comunicação pessoal com Professor Doutor Francisco Mauro Salzano obtivemos a informação de que desde a descoberta da variação dos grupos sanguíneos, evento concomitante à I Guerra Mundial, diferentes trabalhos sobre grupos étnicos das mesmas variantes sanguíneas começaram a ser efetuados. No final da década de 50 Salzano, junto com uma equipe interdisciplinar de linguistas, médicos e antropólogos, começaram suas pesquisas com diversos grupos ameríndios na América do Sul, especialmente na Amazônia brasileira resultando nas mais importantes contribuições para as áreas de genética humana, bem como da própria antropologia social, física e da linguística afetando assim o campo da arqueologia que tanto bebe de todas estas fontes.

Uma das primeiras aplicações do uso da genética molecular (DNA) para solucionar as perguntas quanto a origem dos seres humanos modernos se deu no

início dos anos 80, no laboratório de Douglas Wallace (Universidade de Emory) e sucessivamente por Allan Wilson (Universidade da Califórnia) voltado para análise de DNA mitocondrial (mtDNA) (Lewin, R. 1999).

Este estudo foi amplamente conhecido pela pesquisa da "Eva Mitocondrial". A análise mitocondrial é de extrema importância por sua alta taxa de mutação, permitindo com que se seja possível compreender eventos evolutivos recentes; e de pequeno tamanho (Lewin, R. 1999; Pierce, B. A. 2011). Não obstante a mitocôndria é uma organela celular com DNA próprio, sendo transmitida somente de mãe para prole, facilitando o estudo por não misturar-se ao DNA paterno (Pierce, B. A. 2011), pois durante a fertilização do óvulo o espermatozoide (salvo algumas exceções) deixa suas mitocôndrias para trás. Assim, o projeto tinha como perspectiva encontrar onde e quando teria surgido a "Eva" das populações humanas modernas, tendo encontrado suas respostas na África por volta de 200 mil anos atrás (Lewin, R. 1999).

É possível, também, obtermos dados que estabelecem a relação de indivíduos do sexo masculino, assim como fora os estudos do mtDNA. Entretanto, esta informação encontra-se no cromossomo sexual Y dos indivíduos masculinos e para isso é necessário obtermos o DNA nuclear. Este DNA é de quantidade única na célula, diferente do mtDNA (DNA organelar).

Tanto o DNA mitocondrial quanto o nuclear são amplificados milhares de vezes através de uma técnica usada amplamente em biologia molecular chamada Polymerase Chain Reaction (PCR) e após essa fase através de uma reação de sequenciamento acontece a "leitura" das bases do DNA, onde uma máquina interpreta a fluorescência emitida por cada uma das bases do DNA.

Para análise em material arqueológico existem alguns fatores que dificultam a análise e os resultados podem gerar muitas críticas. O problema mais comentado é o risco de contaminação humana da amostra durante o processo de sequenciamento e/ou replicação (PCR). Além dos problemas quanto à contaminação, o DNA normalmente é degradado pelas enzimas nucleases endógenas logo após a morte do indivíduo. Entretanto, em algumas raras circunstâncias a rápida dissecação, baixas temperaturas ou alta salinidade permite a morte das primeiras evitando que o DNA seja afetado completamente (Hofreiter et al. 2001).

Em 2010 os genomas rascunhos do Homo neanderthalensis e a espécime ainda não identificada de Denisova foram sequenciados (Green, R. E. et al., 2010; Reich, D. et al., 2010). Estas descobertas geram novos dados para novas pesquisas na área de evolução e genética humana, como nos trabalhos de bioinformática e análise comparativa. Um dos exemplos que podemos comentar provém do trabalho

corrente de análise comparativa de dados moleculares do genoma de Neandertal, Denisova, chimpanzé (*Pan troglodytes*) e outros primatas, no Laboratório de Evolução Humana e Molecular, no Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tal grupo de pesquisa efetuando este trabalho tem apresentado dados que anteriormente apontavam para achados moleculares especificamente em humanos, agora também com novas respostas dentro do gênero *Homo* (Paixão-Côrtes, V. R. et al. 2012). Outrossim, a equipe pesquisou marcadores genéticos para prever os fenótipos quanto à pigmentação de indivíduos do gênero *Homo* pré-históricos, que também acabam por ser útil nas aplicações da área forense (Cerqueira, C. C. S. et al. 2012).

Estas pesquisas só nos demonstram que a genética aliada a paleoantropologia e arqueologia somente tem a contribuir para o progresso da ciência. Pesquisas nas áreas de evolução humana já eram efetuadas antes do sequenciamento do *Homo sapiens* e de *Pan troglodytes*, todavia novas as ferramentas e dados nos permitem abranger períodos mais remotos para nossas pesquisas, bem como ir ao encontro ou de encontro com hipóteses antes construídas.

A genética vem acompanhando, e muito, um dos temas mais intrigantes na área da arqueologia, principalmente na América. Não poderíamos falar é claro diferente do próprio tema da colonização da mesma, que não só tem intervindo no período em que ocorrera, mas também na composição e variabilidade genética, bem como na origem étnica dos povos ameríndios (Salzano, F. M. 1997; 2011).

A genética assim apresenta-se como uma útil ferramenta para os estudos dentro da arqueologia. Seu emprego para princípios afins complementam os dados da cultura-material em busca do estudo do ser humano como um todo complexo. Obviamente, existem muitas outras técnicas e princípios aplicados à genética em aliança com a arqueologia que não foram citados. Assim, espera-se que ambas as ciências, cada dia mais estejam unidas para que muitas perguntas ainda sem resposta possam ser solucionadas e novos passos sejam dados.

Contato com os artefatos



Figura 5 Disposição do material didático

Dispusemos os materiais em cima de mesas, de maneira que os alunos ao final da apresentação pudessem se aproximar e manusear os artefatos. Como já citado anteriormente, acreditamos que essa metodologia rompe com a “monotonia” de apenas observar o material atrás de vitrinas de museus.

Todos os materiais usados na atividade pertencem ao LEPAN, não estavam sendo objeto de estudo de projetos ou pesquisas, eram doações ou estavam com sua catalogação confusa e, mais importante, são advindos do município de Rio Grande e região. Para essa exposição utilizamos diversas pontas de projéteis em lítico (rocha), lâminas de machado (também material lítico), bolas de boleadeiras ou pesos de redes (não há certeza ainda, as duas hipóteses são plausíveis), vasos cerâmicos, um crânio, réplicas de zoólitos (representação animal em rocha) e lâmina de machado semilunar, garrafas de vidro e grés, louças, otólitos (osso de peixe) e uma medalha de ferro com inscrições em alemão.



Figura 6 Contato dos alunos com os artefatos

Conclusão

Rio Grande apresenta um imenso potencial arqueológico e uma grande variedade cultural. Entretanto, poucos habitantes sabem sobre essa diversidade de povos que habitou as terras em que hoje se estabelece o município. Importantes tradições indígenas, como a Vieira (descoberta na própria cidade, a tradição recebeu o nome de um arroio local), habitaram estas terras e com a colonização e instalação do porto na cidade, diversos outros povos passaram por estas terras, fazendo de Rio Grande uma cidade "multicultural".

Trabalhos de extroversão da arqueologia são deveras importantes para que ocupações pretéritas venham à tona e sejam de conhecimento popular, pois, segundo o arqueólogo Pedro Paulo Funari (2006) "não há sociedade ou homem sem consciência histórica. A Humanidade não pode compreender-se, nem delinear seu futuro, sem apreciar e acolher seu passado".

A nosso ver, questões como preservação de patrimônio, ocupações pretéritas e identidades estão intimamente ligadas entre si e mais amplamente à questão da extroversão arqueológica. Ainda segundo Funari (2006), a constituição de uma identidade depende da preservação de lugares com suas evocações à memória. Neste *pool* de ideias sobre patrimônio relacionado a identidades, podemos destacar também Scatamacchia (2005), onde a autora afirma que os monumentos arqueológicos são testemunhos objetivos da vida passada de um povo, logo, esses monumentos arqueológicos desempenham um papel importante na reconstrução do passado dos povos. Lembramos, também, que a preservação do patrimônio cultural, e principalmente o arqueológico, é vital para que entendamos a história

da cultura do homem. Não seria supérfluo valorizar a arqueologia na busca do passado e, por conseguinte, na afirmação, modificação, fomentação, ou até mesmo na criação de novas identidades.

Entendemos que o trabalho de extroversão da arqueologia nas escolas proporciona ao aluno o livre arbítrio de escolher aquilo que ele considera importante preservar e contribuir para a busca de sua identidade. Deste modo, estabelecendo um diálogo e não impondo uma ideia, acreditamos num melhor cuidado do público alvo para com o patrimônio, além disso, se realmente conseguirmos apreender a atenção dos alunos para esta causa, poderemos ter o que chamamos de multiplicação do conhecimento, pois, pode-se mesmo dizer que a maioria das relações do ser humano é consequência dos estímulos provocados pelas pessoas com as quais convive. Em outras palavras, os homens tem a capacidade para compartilhar das experiências dos seus semelhantes, visam a objetos comuns e agem conjugadamente, porque, antes de mais nada, são capazes de comunicar-se entre si. (ANDRADE, 2005). Isto é, ao levarmos arqueologia para os alunos, poderemos estar debatendo sobre a mesma com o círculo familiar e social dos próprios alunos sem que haja contato direto da equipe arqueológica com essas pessoas. Por suposto, temos consciência de que algumas informações podem ser perdidas ou até mesmo distorcidas, entretanto, com um trabalho bem feito diminuem-se as chances de informações errôneas serem repassadas.

Por todos os fatores citados acima, as atividades ligando arqueologia e os públicos leigos se fazem extremamente necessárias. Conforme os arqueólogos Renfrew e Bahn (2007):

Aunque el objetivo inmediato de la mayoría de las investigaciones sea dar respuesta a preguntas específicas, el propósito fundamental de la arqueología debe ser el de proporcionar a la gente em general una mejor comprensión del pasado humano. Por lo tanto, se requiere una hábil popularización (em exposiciones, libros y programas de televisión de yacimientos y museos), pero no todos los arqueólogos están preparados para dedicar a esto tempo y pocos son capaces de hacerlo bien.

Infelizmente esse campo da arqueologia apenas começa a engatinhar (assim como a profissão no Brasil) e pouco se faz esse tipo de trabalho. Contudo, conforme aumentam os cursos de graduação e conseqüentemente os arqueólogos, mais pessoas terão preocupação em extroverter a arqueologia.

Em nosso caso particular, avaliamos o trabalho feito no Colégio Sagrado Coração de Jesus como sendo produtivo, visto que conseguimos estabelecer um bom diálogo com os alunos e uma boa interação com o material. Contudo, entendemos que a metodologia aplicada por nossa equipe só se fez possível devido à faixa etária dos alunos (primeiro ano do ensino médio), logo, não propomos algo rígido, que possa ser aplicado em todos os contextos, pelo contrario, ressaltamos que este tipo de trabalho deve ter uma metodologia flexível conforme a faixa etária e o público alvo.

Apesar de o trabalho necessitar maiores visitas à escola e uma maior continuidade de atividades, ficamos satisfeitos pelos alunos mostrarem interesse e respeito da arqueologia, suas implicações e afazeres, e quanto à proveniência do material apresentado, por muitas vezes apresentando certa surpresa pelo material pertencer a regiões próximas a Rio Grande, ou mesmo pertencer à cidade.

Para finalizar, acreditamos que, apesar da profissão não ser regulamentada e certas questões não estarem bem definidas, a arqueologia ainda é apaixonante, abrindo novas portas para os estudantes e profissionais da área.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, T. S. Para entender relações públicas. Edições Loyola, São Paulo, 2005.
- CASTAÑO, A. M. M. A divulgação do patrimônio arqueológico em Castilla y Leon (Espanha): o desafio dos espaços divulgativos. São Paulo, 2006.
- CERQUEIRA, C. C. S. et al. Predicting Homo Pigmentation Phenotype Through Genomic Data: From Neanderthal to James Watson. *American Journal of Human Biology*. 1-5.
- CIRCULO OPERÁRIO. Histórico. Disponível em <<http://circulooperariorg.com.br/>> Acesso em: junho 2012
- ESMPU. Educação patrimonial. Disponível em <<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Educa%C3%A7%C3%A3o+patrimonial>> Acesso em: Abril 2012
- FUNARI, P. P. Arqueologia. Editora Contexto, São Paulo, 2006.
- GONZALES, M. Rei dos Mares- deus na terra: cenários da pré-história brasileira. Santos\SP: Editora Comunicar, 2009.
- GREEN, R. E. et al. A Draft Sequence of the Neandertal Genome. *Science*. Vol 328. 710-722. (2010)
- HORFREITER, M. et al. Ancient DNA. *Nature Reviews*. Vol 2. 353-359. (2001).
- IRENTZ, E. J.; WING, E. S. Zooarchaeology; second edition; Cambridge Manuals in Archeology. Cambridge, 2008.
- LEWIN, R. Evolução Humana. Editora ATHENEU. São Paulo, 1999.
- PIERCE, B. A. Genética, um enfoque conceitual. GEN Editora Nacional. 3ªed. (2011).
- PAIXÃO-CÔRTEZ, V. R. et al. Homo sapiens, Homo neanderthalensis and the Denisova specimen: new insight on their evolutionary histories using whole-genome comparisons. *GMB*. Especial number. No prelo.
- REICH, D. et al. Genetic History of an Archaic Hominin Group from Denisova Cave in Siberia. *Nature*. Vol 468. 1053-1060. (2010).
- RENFREW, Colin.; BAHN, Paul. Arqueología Teorías, Métodos y Práctica. Madrid, 2007.
- SALZANO, F.M. As origens extracontinentais dos primeiros americanos: as evidências dos sistemas genéticos clássicos. *Revista USP*. 34. 34-43. (1997).
- SALZANO, F.M. The Prehistoric Colonization of the Americas: Evidence and Models. *Evo Edu Outreach*. Vol 4. 199-204 (2011).
- SCATAMACCHIA, M. C. M. Turismo e arqueologia. Editora Aleph, São Paulo, 2005.